

RESENHA ECONÔMICA

QUADROS E COMENTÁRIOS DA ECONOMIA BRASILEIRA E MUNDIAL

10

10ª Edição

Inflação desacelera, mas juros elevados,
atividade em queda e pressão sobre as
empresas mantêm os desafios no radar

20 DE AGOSTO DE 2026



Esta publicação possui **finalidade exclusivamente educacional e informativa**, reunindo indicadores, notícias e análises sobre a economia brasileira e internacional, extraídos de fontes públicas e amplamente acessíveis, como boletins econômicos, relatórios financeiros, revistas especializadas e veículos de imprensa.

Seu objetivo é oferecer um **panorama atualizado dos principais temas econômicos**, contribuindo para a compreensão das tendências, riscos e possíveis impactos sobre empresas, mercados e a economia.

As informações apresentadas constituem uma **compilação de diferentes fontes e visões de mercado**, não representando opinião ou análise formal da **ANEFAC** ou da **ADVB**.

Notícias, imagens, gráficos e demais conteúdos de terceiros são utilizados exclusivamente como **referência para análise e debate econômico**, permanecendo os respectivos **direitos autorais** pertencentes aos seus titulares.

O conteúdo restringe-se à análise de cenários econômicos, **sem abordagem de questões de natureza político-partidária**.

Boletim FOCUS semanal



Boletim FOCUS de 14-ago-26 - publicado em 17-agosto-26

ANO	PROJEÇÕES		VAR%
	SEMANA ANTES	SEMANA ATUAL	

INFLAÇÃO META BACEN

TOLERANCIA	
ABAIXO	ACIMA
-1,50%	1,50%

IPCA - INFLAÇÃO

2026	5,02%	5,02%	0,00%	==
2027	4,22%	4,24%	0,02%	↑
2028	3,80%	3,80%	0,00%	==
2029	3,50%	3,50%	0,00%	==

3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%

PIB BRASIL

2026	1,98%	1,98%	0,00%	==
2027	1,52%	1,50%	-0,02%	↓
2028	2,00%	1,89%	-0,11%	↓
2029	2,00%	2,00%	0,00%	==



Focus - Relatório de Mercado

Pesquisa diária sobre o cenário econômico com 140 instituições financeiras – bancos, gestoras de recursos, consultorias e associações.

CÔRES NAS VARIAÇÕES

- é bom
- é neutro
- não é bom

SELIC no final do ano

2026	13,75%	13,75%	0,00%	==
2027	12,00%	12,00%	0,00%	==
2028	10,50%	10,50%	0,00%	==
2029	10,00%	10,00%	0,00%	==

DATAS DAS REUNIÕES 2026 COPOM-BRASIL E FOMC-EUA



BRASIL

COPOM

1	276 ^a	27 e 28 de janeiro
2	277 ^a	17 e 18 de março
3	278 ^a	28 e 29 de abril
4	279 ^a	16 e 17 de junho
5	280 ^a	4 e 5 de agosto
6	281 ^a	15 e 16 de setembro
7	282 ^a	3 e 4 de novembro
8	283 ^a	8 e 9 de dezembro

ESTADOS UNIDOS

FOMC

1	27 e 28 de janeiro
2	17 e 18 de março
3	28 e 29 de abril
4	16 e 17 de junho
5	28 e 29 de julho
6	15 e 16 de setembro
7	27 e 28 de outubro
8	8 e 9 de dezembro

NESSAS DATAS SÃO DECIDIDAS AS TAXAS DE JUROS

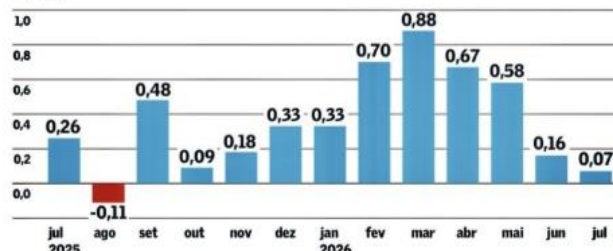
Jornal VALOR 12-ago

Inflação desacelera

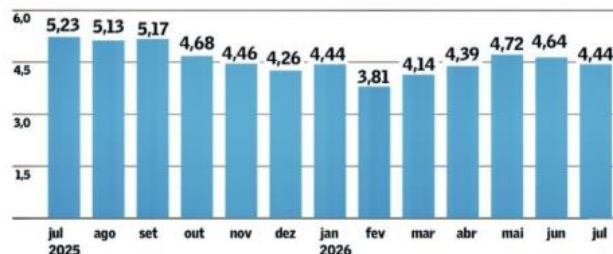
Resultado do IPCA em 12 meses volta para meta

Varição, em %

Mensal

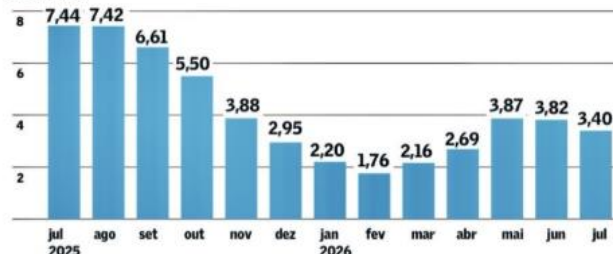


12 meses



Alimentação e bebidas - variação, em %

12 meses



Fonte: IBGE

Conjuntura Deflação de alimentos puxa taxa para baixo em julho, e indicador fecha em 0,07%, mas alta nos núcleos indica reversão do quadro

IPCA volta a ficar abaixo do teto, mas sinaliza o fim da melhora

**Marcelo Osakabe e
Lucianne Carneiro**

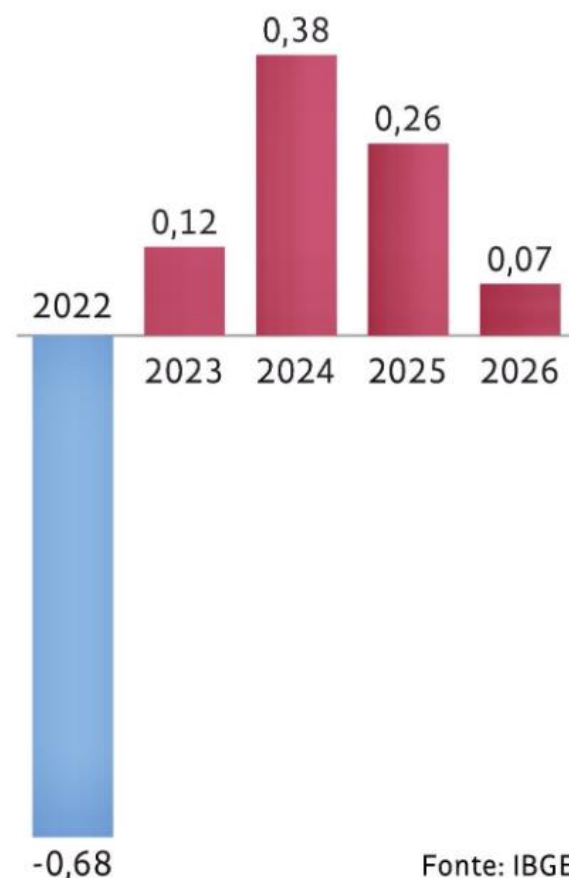
De São Paulo e do Rio

Amparada por nova deflação forte de alimentos, a inflação teve o melhor resultado para um mês de julho desde 2022 e voltou a operar dentro da banda perseguida pelo Banco Central. A nova leitura, no entanto, deixou de trazer um qualitativo majoritariamente benigno como vinha ocorrendo nas últimas divulgações.

De acordo com o IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), desacelerou para 0,07% em julho, após alta de 0,16% em junho. É a menor leitura para um mês de julho desde 2022, quando, influenciada pelo polêmico corte do ICMS sobre combustíveis, energia e telecomunicações promovido pelo governo Jair Bolsonaro, o mês marcou deflação de 0,68%.

Variação do IPCA em meses de julho

Em %



Fonte: IBGE

Jornal FOLHA 12-ago

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO A inflação oficial do Brasil, medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), desacelerou a 0,07% em julho, após marcar 0,16% em junho.

O recuo dos preços de alimentos e combustíveis puxou o índice para baixo, segundo os dados divulgados nesta terça-feira (11) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A alta da energia elétrica e das passagens aéreas, por outro lado, limitou a queda do índice.

A taxa de 0,07% é a menor para o IPCA em meses de julho em quatro anos, desde 2022 (-0,68%), mas ficou acima das projeções do mercado financeiro. A mediana das expectativas estava em 0%, conforme a agência Bloomberg.

No acumulado de 12 meses, o IPCA desacelerou a 4,44% até julho, após registrar avanço de 4,64% até junho.

Com o novo resultado, o índice ficou abaixo do teto de 4,5% da meta de inflação perseguida pelo Banco Central. O IPCA havia ultrapassado o teto em maio.

Inflação é a menor para julho em 4 anos, mas vem acima das projeções do mercado

IPCA desacelerou a 0,07% no mês sob impacto da redução de preços de alimentos e combustíveis e fica abaixo do teto da meta

Custo de vida IPCA

Inflação desacelera em julho, mas preço de serviços ainda preocupa

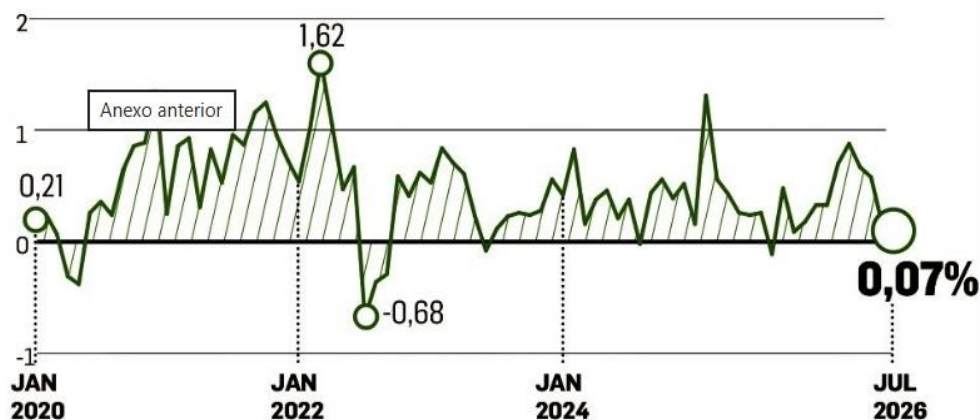
— Índice tem alta de 0,07%, menor patamar para o mês desde 2022, puxado para baixo por alimentos; acumulado em 12 meses fica abaixo do teto da meta

EM QUEDA

Jornal ESTADÃO 12-ago

Apesar de recuo, resultado julho vem acima do projetado pelo mercado

EM PORCENTAGEM



FONTE: IBGE/ INFOGRÁFICO: ESTADÃO

BC afirma que a inflação permanece pressionada pela demanda, o que exige manutenção de juros elevados

Apesar da avaliação de que a política monetária tem apresentado resultados, ajudando a esfriar o ritmo da economia, o Banco Central considera que os índices inflacionários continuam pressionados pela demanda e que, num cenário como esse, existe a necessidade de manutenção dos juros em patamar elevado. É o que diz a ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), divulgada ontem.

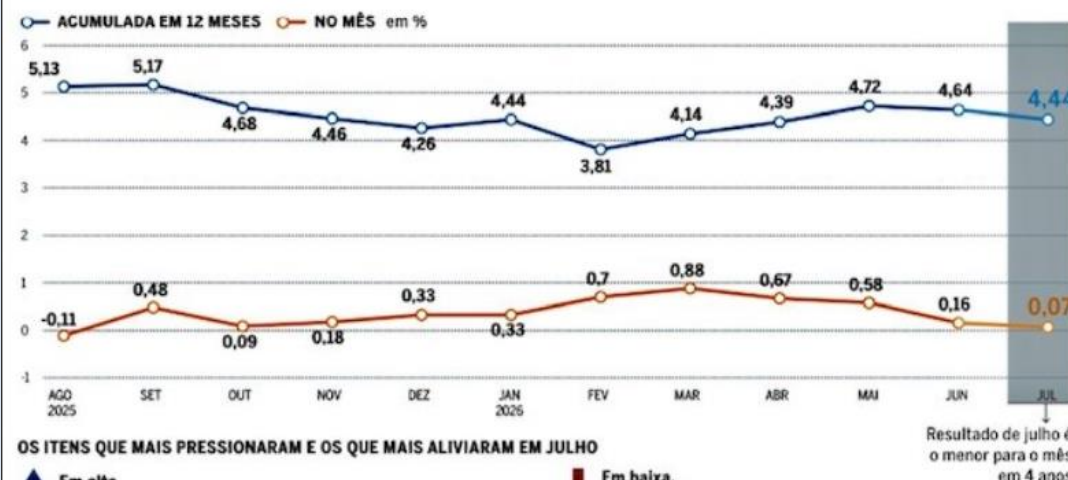
QUANTO ANTERIO
Anexo anterior

INFLAÇÃO ABAIXO DO TETO

IPCA tem menor alta para julho em 4 anos, mas cenário e El Niño preocupam economistas e BC

O comportamento dos preços

Jornal GLOBO 12-ago



OS ITENS QUE MAIS PRESSIONARAM E OS QUE MAIS ALIVIARAM EM JULHO



Fonte: IBGE - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA)

CAROLINA NALIN
carolina.nalin@infoglobo.com.br

A inflação perdeu força em julho, mas ainda é fator de preocupação para economistas e para o Banco Central (BC). O IPCA, índice oficial, avançou apenas 0,07% em julho, o menor percentual para o mês em quatro anos. Ainda assim, o resultado veio acima das projeções de analistas, que previam alta de 0,03%. O leve descasamento entre expectativa e realidade é reflexo de serviços mais resistentes e de uma queda na alimentação menor do que a esperada pelos economistas. Quando se observa o comportamento dos preços em um horizonte mais longo, porém, a taxa acumulada em 12 meses ficou em 4,44%, abaixo do teto da meta definida pelo BC, de 4,5%, pela primeira vez desde abril.

O índice de inflação foi divulgado no mesmo dia em que o BC publicou a ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), da semana passada, quando a taxa básica de juros foi reduzida a 14% ao ano. Na análise do BC, o quadro é de inflação puxada por consumo interno aquecido, pressionada pela demanda e que requer juro alto o suficiente para frear a economia

- **A inflação apresentou melhora importante em julho**, com o IPCA avançando apenas **0,07%**, menor resultado para o mês de julho em quatro anos, levando o acumulado em 12 meses para **4,44%**, novamente abaixo do teto da meta.
- A desaceleração foi favorecida principalmente pela **queda dos preços de alimentos e combustíveis**. Portanto, parte relevante da melhora decorre de componentes que podem apresentar volatilidade nos próximos meses.
- O ponto de atenção continua sendo a **inflação de serviços**, mais relacionada ao comportamento da demanda, do mercado de trabalho e dos salários. É justamente essa inflação mais persistente que preocupa o Banco Central.
- Assim, **um IPCA mensal baixo não significa que o processo de desinflação esteja consolidado**. A composição do índice é tão importante quanto o número cheio.
- Quanto à política monetária, o cenário é positivo, mas ainda recomenda **cautela na redução das taxas de juros**. O Banco Central deverá buscar evidências de que a desaceleração está se tornando mais disseminada e sustentável.

Prévia do PIB: IBC-Br do BC cai 0,6% em junho

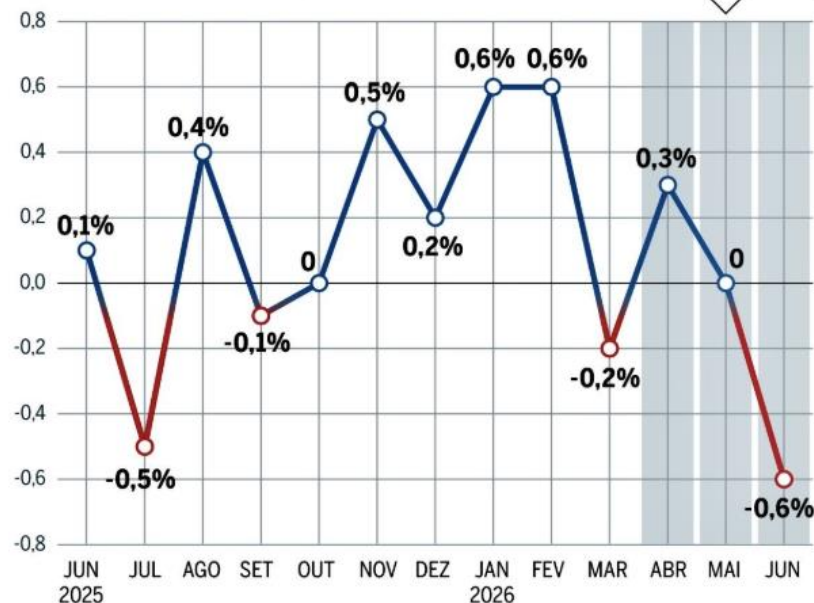
Indicador mostra que ritmo da economia vem diminuindo. Especialistas esperam segundo semestre mais fraco, sem os estímulos fiscais da primeira metade do ano, como o pagamento antecipado de precatórios

O ritmo da atividade

Jornal GLOBO 18-ago

**ÍNDICE DE ATIVIDADE ECONÔMICA DO BANCO CENTRAL (IBC-BR)
(COM AJUSTE SAZONAL)**

No segundo trimestre, o crescimento do índice ficou em **0,2%** e, nos últimos 12 meses, **1,5%**



FONTE: BANCO CENTRAL

DESEMPENHO POR SETOR EM JUNHO (EM %)

 Agropecuária **1%**

 Indústria **-1,4%**

 Serviços **-0,5%**

 Impostos **-1%**

THAÍS BARCELLOS
thaís.barcellos@bsb.globo.com.br
BRASILIA

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) registrou queda de 0,6% em junho na comparação com maio, retirados os efeitos sazonais, divulgou a autoridade monetária ontem. O resultado de junho foi determinado pelo recuo de 1,4% na indústria e 0,5% em serviços. Já a agropecuária cresceu 1%: retirados seus efeitos, o IBC-Br teria recuado 0,9% no mês. Frente a junho de 2025, houve aumento de 2,4%.

Com o resultado de junho, o IBC-Br, que é um indicador antecedente do Produto Interno Bruto (PIB), fechou o segundo trimestre com alta de 0,2% ante o primeiro trimestre do ano. No primeiro semestre de 2026, o IBC-Br cresceu 1,5%, mesmo percentual dos últimos 12 meses terminados em junho.

O resultado do IBC-Br de junho mostra a desaceleração da economia que os indicadores setoriais já vêm apresentando.



Jornal FOLHA 15-ago

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Economistas afirmam que a possibilidade de o PIB (Produto Interno Bruto) crescer acima de 2% no Brasil em 2026, como preveem o Ministério da Fazenda e o FMI (Fundo Monetário Internacional), ficou mais difícil e parece menos provável no momento.

A avaliação ocorre após a divulgação dos resultados mais recentes de varejo, serviços e indústria. Para os analistas, parte das atividades que compõem esses setores mostrou novos sinais de perda de ritmo sob impacto dos juros altos para conter a inflação.

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) disse nesta quinta-feira (13) que o volume de vendas do varejo cresceu 0,5% em junho frente ao mês anterior, após leve variação positiva em maio (0,3%) e queda de mais de 1% em abril (-1,5%).

Já o varejo ampliado, que inclui atividades de veículos, material de construção e atacado de produtos alimentícios, teve baixa de 1% em junho. Foi o quarto mês consecutivo de taxas negativas.

Ainda de acordo com o IBGE, o setor de serviços ficou estável em junho (0%), após ter registrado leve recuo em maio (-0,2%), enquanto a produção industrial caiu 1,8% no sexto mês do ano. As fábricas tiveram o segundo resultado negativo em sequência.

O IBGE divulgou os dados de serviços na quarta-feira (12) e da indústria na primeira semana de agosto.

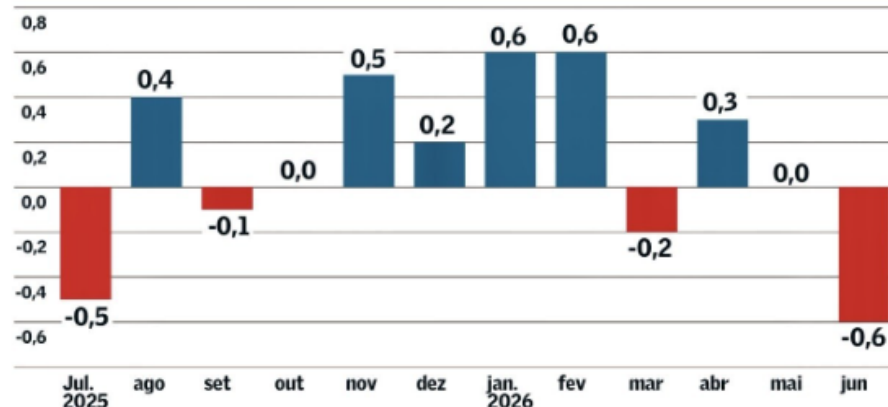
Alta do PIB acima de 2% se torna mais difícil em 2026, dizem economistas

Dados do IBGE reforçam cenário de perda de ritmo da economia no 2º trimestre; juro elevado é apontado como principal motivo

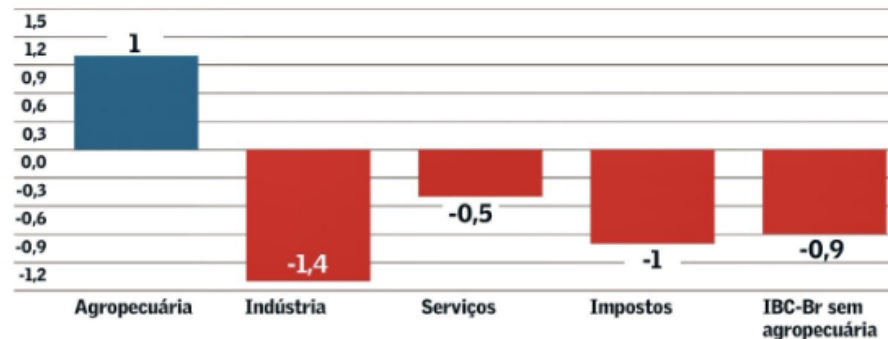
Fraqueza

Economia encolheu em junho, segundo índice do BC

Variação do IBC-Br ante o mês anterior, em %



Desempenho por setor, em julho ante junho, em %



Fonte: Banco Central

Jornal VALOR 18-ago

Conjuntura Queda de 0,6% medida pelo Banco Central só não foi maior devido à agropecuária

Atividade recua em junho e indica PIB fraco no 2º tri

Hamilton Ferrari e Vinícius Lucena

De Brasília e São Paulo

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) decepcionou em junho, com queda de 0,64% na comparação com maio, e o indicador fechou o segundo trimestre com alta de 0,2%, confirmando um cenário de desaceleração do ritmo da economia brasileira no período de abril a junho, na visão de especialistas.

A economia brasileira cresceu 1,1% no primeiro trimestre deste ano em relação aos últimos três meses de 2025, e a expectativa é que o resultado de abril junho do Produto Interno Bruto (PIB) tenha caído pela metade, cenário que ganhou força após a divulgação do resultado do indicador do Banco Central. O resultado do PIB será divulgado pelo IBGE daqui a duas semanas.

- O IBC-Br recuou **0,6% em junho**, sinalizando perda de ritmo da economia no encerramento do segundo trimestre. O indicador acumulou crescimento de apenas **0,2% no trimestre**, depois da forte expansão observada no início do ano.
- A desaceleração está se tornando mais disseminada: em junho, houve retração na **indústria (-1,4%)**, nos **serviços (-0,5%)** e nos **impostos (-1,0%)**, enquanto a agropecuária apresentou crescimento de **1,0%**.
- Os dados reforçam a percepção de que os **juros ainda elevados estão produzindo o efeito esperado de moderação da demanda**, afetando consumo, crédito e investimentos.
- Com isso, torna-se **mais difícil sustentar crescimento do PIB acima de 2% em 2026**, especialmente se indústria e serviços continuarem perdendo dinamismo.
- Existe, entretanto, uma consequência favorável: **atividade econômica mais fraca tende a reduzir pressões inflacionárias**, contribuindo para a continuidade do processo de redução dos juros.

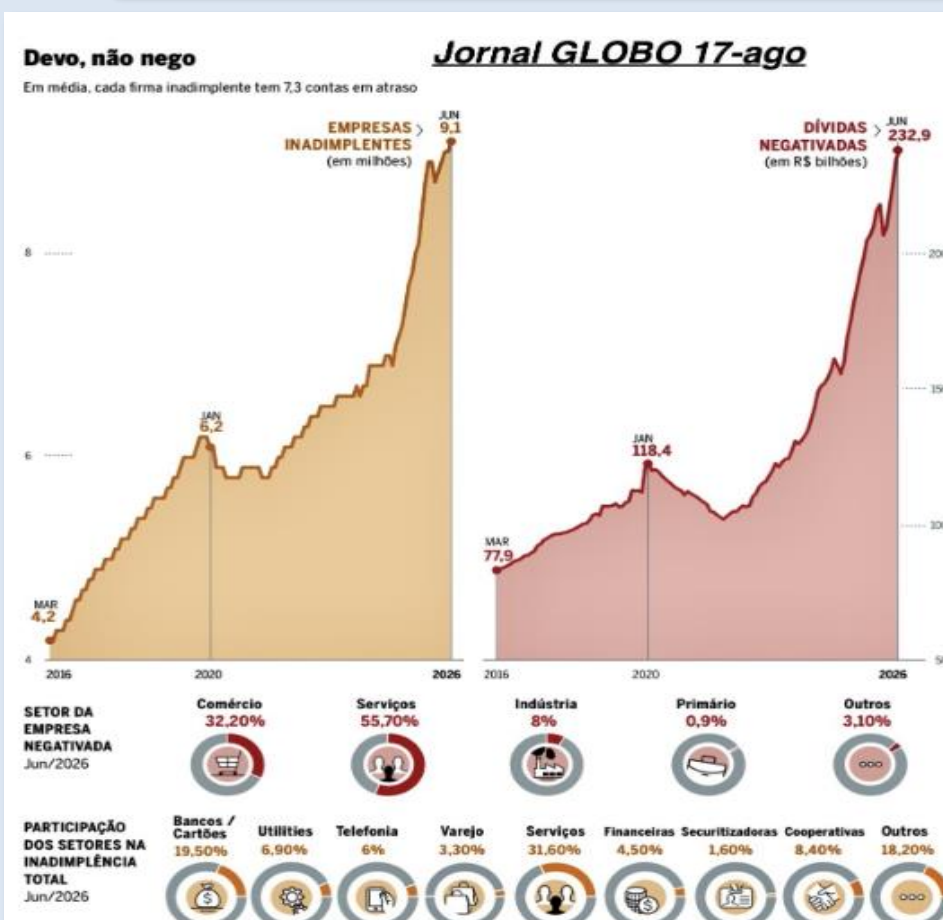
INADIMPLÊNCIA



PATAMAR RECORDE

CNPJ NEGATIVADO

Inadimplência já atinge 9,1 milhões de empresas no país com R\$ 232 bi de dívidas em atraso



THAÍS BARCELLOS

thais.barcellos@bsb.oglobo.com.br
BRASILIA

Conta de luz atrasada, dívidas em dois cartões de crédito e no cheque especial. Esse cenário poderia descrever a situação de muitas famílias brasileiras, mas é a realidade do restaurante Frango Cheff, especializado em galeto, instalado na Zona Norte do Rio. Cintia Alves, dona da empresa, conta que recentemente foi impedida de fazer compras a prazo no seu principal fornecedor devido aos atrasos frequentes para pagar os pedidos, algo que também tem acontecido com os impostos.

Histórias como a dela vêm se espalhando pelo país, como aponta o aumento da inadimplência das empresas. Números da Serasa Experian antecipados ao GLOBO mostram 9,1 milhões de CNPJs negativados em junho, com R\$ 232,9 bilhões de dívidas em atraso —ambos os números são recorde da série histórica, iniciada em 2016.

RECUPERAÇÃO JUDICIAL



TURBULÊNCIA NO COMÉRCIO

MAIOR CRISE DESDE A FUNDAÇÃO

Casas Bahia pede recuperação judicial, busca crédito de R\$ 1 bi e aposta no marketplace

LETICIA LOPES
leticia@exame.com.br
18/ago-2018

A Casas Bahia protocolou na noite de domingo um pedido de recuperação judicial com dívidas que somam R\$ 17,3 bilhões e um total de 28 mil credores, no que chamou de "a pior crise desde sua fundação", há 74 anos. A varejista divulgou no fim de semana, com atraso, um prejuízo de R\$ 10,1 bilhões no segundo trimestre, patamar 18 vezes acima do resultado registrado no mesmo período do ano passado. Em um retrato da turbulência, as ações da companhia tiveram a negociação suspensa várias vezes ao longo do pregão de ontem diante da forte oscilação e fecharam em baixa de 33%, a R\$ 0,44.

A varejista fechou 298 lojas, que correspondem a 30% do total, além de ter demitido quase 3 mil funcionários, ou 10% do efetivo. Nas palavras do CEO Renato Franklin, as lojas fechadas "estavam na UTI", em referência à instabilidade menor do que a média do grupo. Por ora, não estão previstos novos cortes ou encerramento de unidades, mas, caso o cenário macroeconômico se deteriore mais no próximo ano, o executivo afirma que a empresa terá que "voltar para a prancheta para redimensionar".



Portas fechadas. Loja de Casas Bahia em Copacabana: segundo o CEO da empresa, Renato Franklin, unidades da rede que fecharam já "estavam na UTI"

R\$ 17,3 bilhões

É o tamanho da dívida incluída no pedido de recuperação judicial. Se o pedido for aceito, a empresa terá 180 dias de proteção contra os credores

28 mil

É o total de credores da varejista. A lista inclui instituições financeiras e fornecedores. Empresa tenta recompor estoques durante a crise

Jornal GLOBO 18-ago

TURBULÊNCIA NO COMÉRCIO

Por que tantas empresas de varejo estão pedindo recuperação judicial?

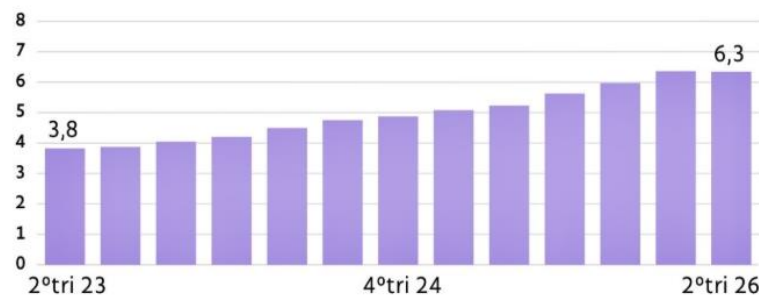
Casas Bahia, Marabraz, Mobly e Tok&Stok buscam proteção. Juro alto e endividamento estão no centro da crise do setor

Recuperações judiciais crescem 66% com juros altos e crédito restrito

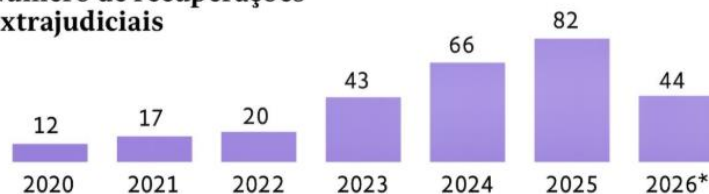
Agronegócio é setor que mais recorre ao mecanismo para suspender pagamento de dívidas; instituições financeiras reduzem concessões diante do risco maior de calote

Recuperação judicial em alta *Jornal FOLHA 19-ago*

Quantidade de recuperações judiciais de empresas pequenas, médias e grandes, em mil



Número de recuperações extrajudiciais



*Os dados de 2026 vão até o dia 18 de agosto

Fonte: Monitor RGF-BIZDOC e Obre (Observatório Brasileiro de Recuperação Extrajudicial)



O agro nada mais é do que uma empresa a céu aberto. Mas historicamente o agro brasileiro não recorre a seguros, então quando um produtor rural perde uma lavoura por uma seca muito forte, por exemplo, ele recorre a uma recuperação

Alexandre Temerloglu
especialista em recuperação judicial e CEO da consultoria de reestruturação Siegen

Maeli Prado e Maria Clara Matos

SÃO PAULO Em um cenário de juros altos e crédito restrito, as empresas brasileiras vêm recorrendo de forma mais intensa a recuperações judiciais e extrajudiciais como forma de suspender a cobrança de dívidas, ganhar tempo para renegociá-las e manter a operação funcionando.

O número de empresas em recuperação judicial, mecanismo que é de longe o mais usado, saltou 65,8% entre o segundo trimestre de 2023 e o mesmo período deste ano, segundo a consultoria RGE, especializada em reestruturação empresarial. O número, que foi de 3.823 para 6.341 no período, foi puxado por agronegócio, transporte e logística e varejo.

No caso das recuperações extrajudiciais, usadas por grandes companhias que negociam com grupos de credores antes da aprovação final da Justiça, a quantidade subiu de 43 casos para 82 no ano passado, alta de 90%. Neste ano, até esta quarta (18), o número ficou em 44, de acordo com o Obre (Observatório Brasileiro de Recuperação Extrajudicial).

- A inadimplência empresarial atingiu **nível recorde**, alcançando **9,1 milhões de empresas**, com aproximadamente **R\$ 232 bilhões em dívidas em atraso**. O problema está fortemente concentrado no comércio e nos serviços.
- O aumento das dificuldades financeiras já aparece nas **recuperações judiciais**, que cresceram cerca de **66%** em relação a 2023, refletindo principalmente o ambiente prolongado de juros elevados e crédito mais restritivo.
- O caso do varejo é particularmente importante. Empresas conhecidas estão recorrendo à recuperação judicial em um ambiente marcado por **endividamento elevado, custo financeiro alto, margens pressionadas e mudanças estruturais no comportamento do consumidor**.
- A recuperação judicial, portanto, deve ser entendida cada vez menos como um problema isolado de determinadas empresas e mais como um **indicador do aumento do estresse financeiro no setor corporativo brasileiro**.
- Para as empresas, o cenário recomenda prioridade absoluta à **gestão de caixa, capital de giro, redução do endividamento oneroso e renegociação preventiva das dívidas**, antes que dificuldades financeiras se transformem em problemas de solvência.

QUADRO HISTÓRICO IPCA - TAXA SELIC



Juros reais chegam a patamares insustentáveis

Em %

Ano	IPCA ano	Taxa Selic ano	Juro real ano	Governo	Juro real médio (mandato)
2011	7	12	5	 Dilma	4
2012	6	8	3		
2013	6	8	2		
2014	6	11	5		
2015	11	13	3	Dilma 2	5
2016	6	14	8		
2017	3	10	7	 Temer	5
2018	4	6	3		
2019	4	6	2	 Bolsonaro	0
2020	5	3	-2		
2021	10	4	-6		
2022	6	12	7	 Lula 3	8
2023	5	13	8		
2024	5	11	6		
2025	4	14	10		
2026	5*	14	9		

Crescimento econômico desacelera

Em %

Ano	Alta do PIB
2023	3,2
2024	3,4
2025	2,3
2026	1,98*

Dívida pública dispara

Em % do PIB

Ano	Dívida pública
Dez.22	71,7
Dez.23	74,3
Dez.24	75,9
Dez.25	78,3
Jun.26	81,9

*Expectativa mediana de analistas, segundo o Boletim Focus, do Banco Central
Fontes: IBGE e BC

Jornal FOLHA 16-ago

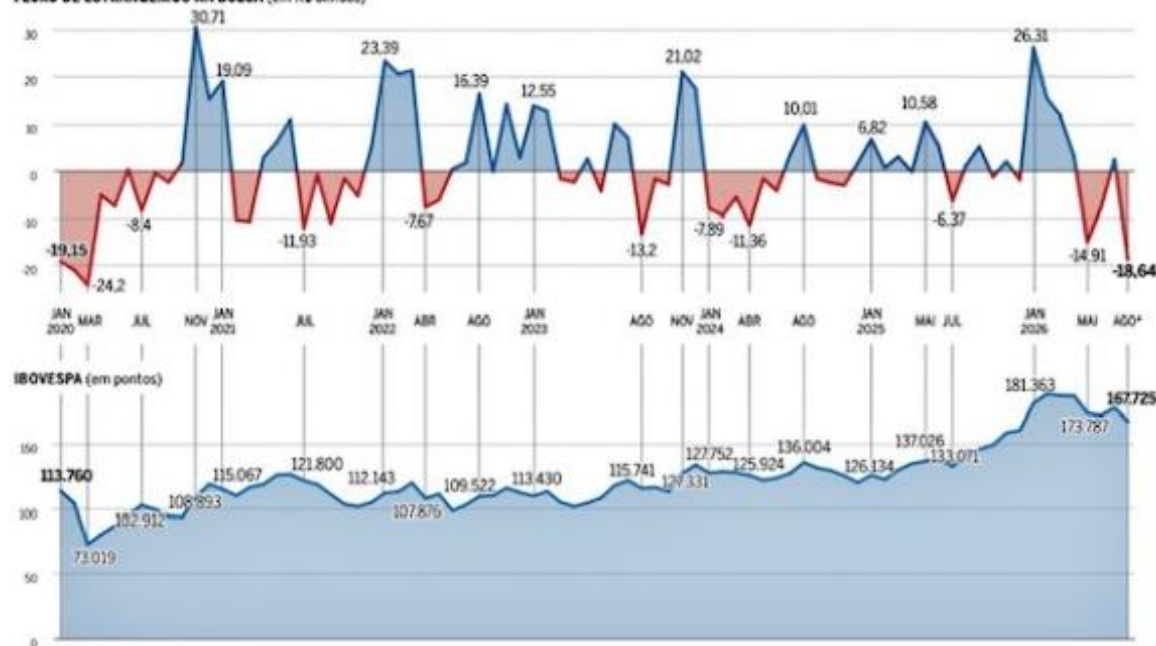
DEBANDADA DE CAPITAL ESTRANGEIRO



A oscilação do mercado no período

Jornal GLOBO 20-ago

FLUXO DE ESTRANGEIROS NA BOLSA (em R\$ bilhões)



* OS DADOS DE AGOSTO DE 2026 SÃO VALORES PROJE

MAIOR SAÍDA DESDE 2020

Eleições, questão fiscal e IA levam estrangeiros a tirar R\$ 18 bi do país

CAROLINA NALIN
carolina.nalin@infoglobo.com.br

Este mês, em apenas duas semanas, os investidores internacionais retiraram R\$ 18,1 bilhões da Bolsa brasileira. É a maior debandada de capital estrangeiro em seis anos, desde março de 2020 — quando o início da pandemia de Covid-19 levou temor aos mercados globais. É um forte contraste com o primeiro semestre, pois só em janeiro o fluxo externo havia superado todo o saldo de 2025.

Especialistas avaliam que esse movimento reflete tanto a estratégia de tentar contornar a volatilidade do período eleitoral quanto a busca por retornos maiores em mercados mais atraentes, especialmente aqueles com ações de empresas da área de inteligência artificial (IA), que são

basicamente americanas e asiáticas. Com isso, em agosto, até ontem, o Ibovespa acumula queda de 5,71%.

A esse pano de fundo, dizem economistas ouvidos pelo GLOBO, soma-se o plano fiscal ainda incerto dos dois principais candidatos.

'DESASTRE' FISCAL

Rafael Winalda, especialista em renda variável do Inter, lembra que a virada começou em abril, com a escalada do conflito no Oriente Médio, o petróleo batendo em US\$ 100 e a alta dos juros dos títulos de 10 anos dos Estados Unidos — que tornou o mercado americano, considerado seguro, competitivo frente aos emergentes, de maior risco.

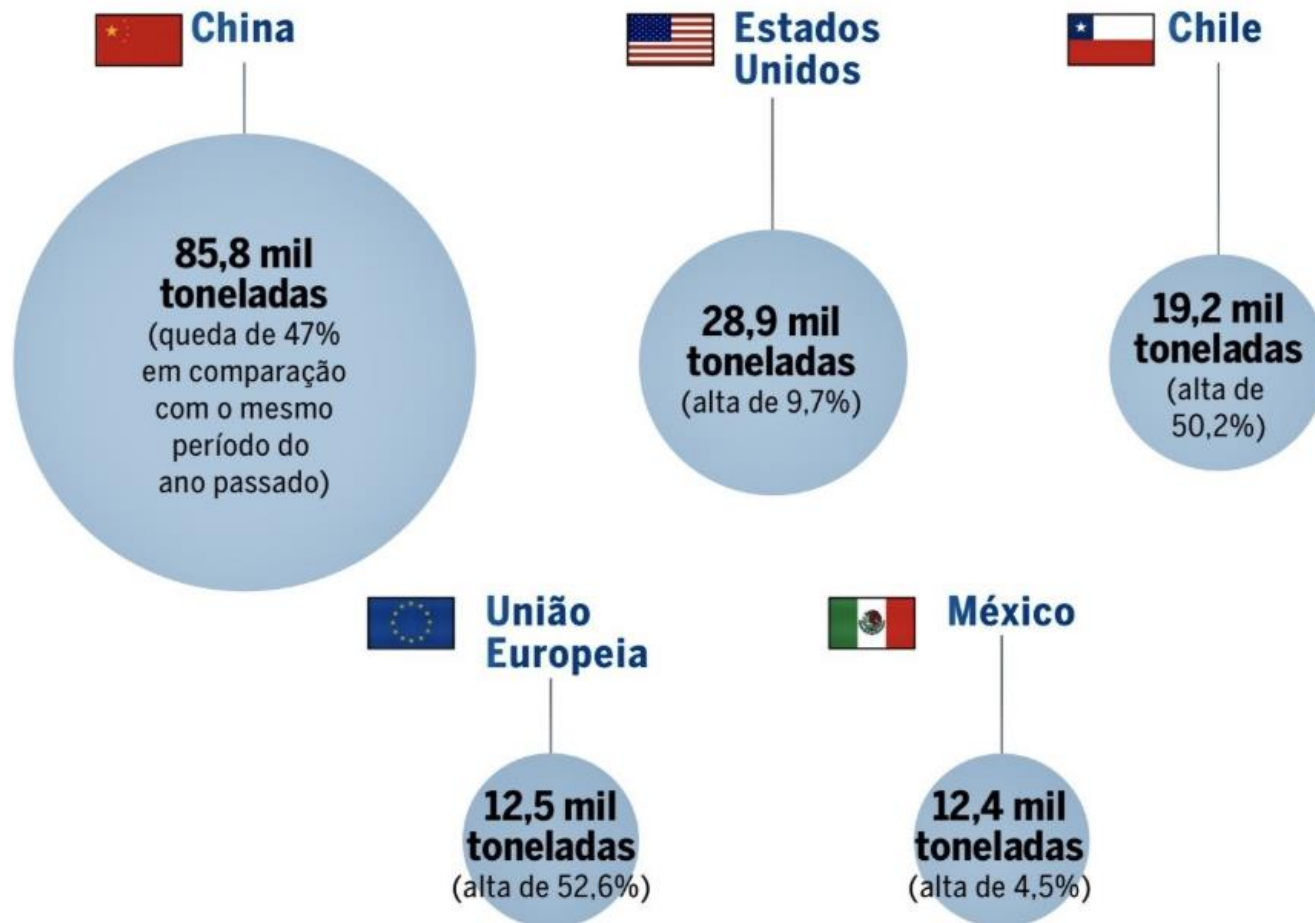
BUSCA DE DIVERSIFICAÇÃO



Em busca de diversificação

Jornal GLOBO 12-ago

VENDAS EXTERNAS DE CARNE (janeiro a julho de 2026)



Exportadores de carne preveem queda de 35% nas vendas para a China

Empresas dão férias coletivas, buscam novos mercados e calibram abates com política de cotas de importação de Pequim

JOÃO SORIMA NETO
E GERALDA DOCA
economia@oglobo.com.br
SÃO PAULO E BRASÍLIA

A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) prevê que o volume de vendas do produto para a China deve encolher 35% este ano em relação a 2025. A retração é resultado da política de Pequim de cota anual de 1,106 milhão de toneladas do produto com tarifa de importação de 12% para a carne brasileira. Alcançado esse patamar, é adotada alíquota adicional de 55%, o que leva a carga total a 67% e inviabiliza negócios. A expectativa da entidade é que os embarques para a China fiquem entre 850 mil e 900 mil toneladas, ante 1,65 milhão de toneladas no ano passado.

RECORDE DE PRODUÇÃO E BARRIL NAS ALTURAS

TERCEIRO MAIOR LUCRO DA HISTÓRIA

Petrobras ganha R\$ 52,4 bi no 2º tri, alta de 96,8%. Estatal distribui R\$ 17,4 bi em dividendos

O desempenho da companhia

Lucro líquido no trimestre
(Em R\$ bilhões)

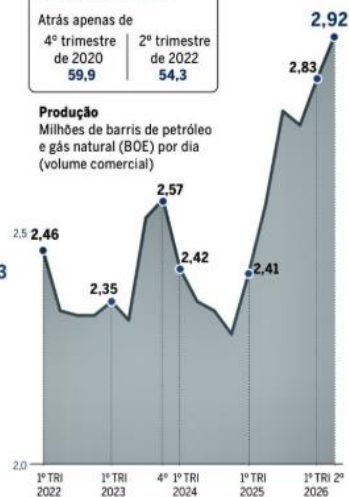
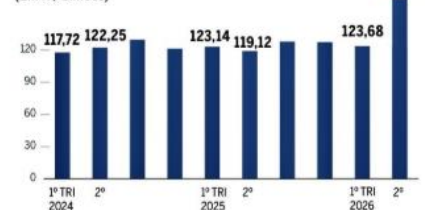


3º maior resultado trimestral da história

Atrás apenas de
4º trimestre de 2020: 59,9
2º trimestre de 2022: 54,3

Produção
Milhões de barris de petróleo e gás natural (BOE) por dia (volume comercial)

Receita de vendas no trimestre
(Em R\$ bilhões)



Jornal GLOBO 7-ago

BRUNO ROSA

bruno.rosa@oglobo.com.br

O recorde na produção do pré-sal e o avanço na cotação do barril de petróleo após o início da guerra entre Estados Unidos e Irã, no fim de fevereiro, fizeram a Petrobras registrar o terceiro maior lucro trimestral de sua história. Entre abril e junho, a estatal teve ganhos de R\$ 52,4 bilhões, um avanço de 96,8% na comparação com igual período do ano passado. No acumulado do primeiro semestre, o lucro subiu 37,6% e alcançou R\$ 85,108 bilhões.

Em um dos principais focos de atenção dos investidores, a Petrobras informou que vai distribuir R\$ 17,4 bilhões em dividendos referentes ao segundo trimestre. Dessa forma, o montante repassado de janeiro a junho soma R\$ 26,43 bilhões. Do total, a União terá fatia de 28,67% ou R\$ 7,58 bilhões para reforçar os cofres.

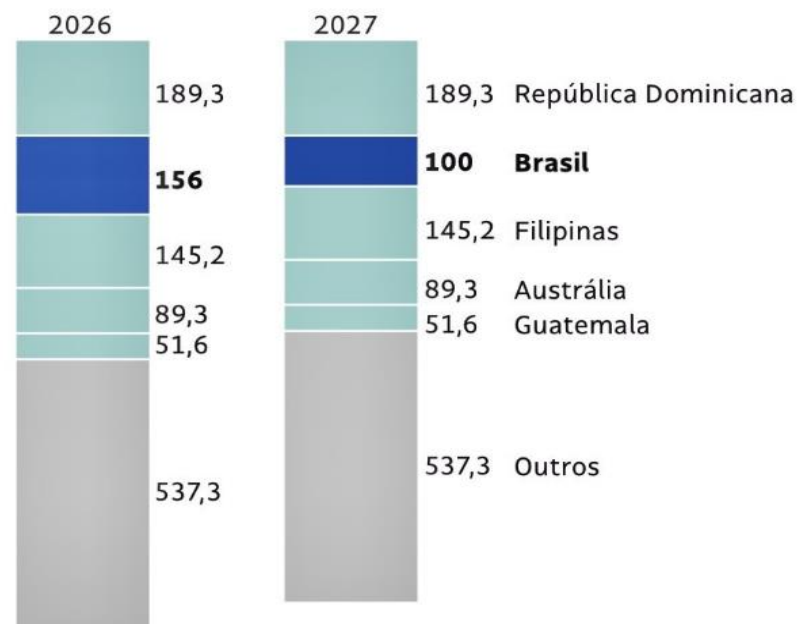
A disparada do petróleo teve papel-chave nos resultados. O preço médio do barril do Brent, referência internacional, entre abril e junho, foi de US\$ 104,52, uma alta de 54,1% em relação ao segundo trimestre de 2025, quando a cotação foi de US\$ 67,82.

EUA cobram 'proposta satisfatória' para não punir Brasil em cota de açúcar

Trump reduziu em 35,9% limite de produto brasileiro que paga tarifa de importação ao entrar no país; funcionário ameaçou distribuir quinhão a outros exportadores

EUA cortam cota brasileira de exportação de açúcar

Cota anual, em milhares de toneladas



Fonte: USTR

Jornal FOLHA 8-ago

**Ricardo Della Coletta
e Marcos Hermanson**

BRASÍLIA O governo Donald Trump disse que só devolverá ao Brasil uma cota de exportação de açúcar de quase 60 mil toneladas se o país apresentar "propostas comerciais satisfatórias". Caso isso não aconteça, os Estados Unidos ameaçam redistribuir esse montante para outros países.

A declaração foi feita pelo subsecretário de Agricultura dos Estados Unidos, Stephen Vaden, durante um simpósio da American Sugar Alliance (Aliança Americana do Açúcar), na segunda-feira (3). As falas de Vaden foram registradas em um comunicado urgente enviado a Brasília pela adida do Ministério da Agricultura na embaixada brasileira em Washington, Ana Lucia Viana. O documento foi obtido pela Folha.

- **INFLAÇÃO:** o IPCA de julho trouxe sinal positivo, com alta de apenas **0,07%** e acumulado de **4,44% em 12 meses**, mas a persistência da inflação de serviços ainda exige cautela.
- **ATIVIDADE ECONÔMICA:** o recuo do IBC-Br confirma **desaceleração da economia**, com perda de dinamismo da indústria e dos serviços e maior dificuldade para o PIB crescer acima de 2% em 2026.
- **JUROS:** apesar da trajetória de redução da inflação, o Brasil continua convivendo com **juros reais muito elevados**, que ajudam no combate à inflação, mas penalizam investimentos, consumo e empresas endividadas.
- **EMPRESAS:** o recorde de **9,1 milhões de CNPJs inadimplentes** e o forte crescimento das recuperações judiciais mostram que o aperto monetário está produzindo efeitos importantes sobre o setor empresarial.
- **FISCAL E MERCADOS:** a combinação de **crescimento mais fraco, dívida pública elevada e incerteza fiscal** aumenta a percepção de risco. A recente saída relevante de investidores estrangeiros da Bolsa reforça a importância de acompanhar o comportamento do capital externo.
- **SETOR EXTERNO:** surgem riscos adicionais para alguns segmentos exportadores. A carne brasileira enfrenta redução esperada das vendas para a China, enquanto o açúcar sofre diminuição da cota de exportação para os EUA, reforçando a importância da **diversificação de mercados**.
- **PETROBRAS:** em sentido contrário, os resultados da companhia mostram a força do setor de petróleo, com **lucro de R\$ 52,4 bilhões no segundo trimestre**, produção recorde e elevada geração de caixa.

- O Brasil apresenta uma combinação aparentemente contraditória: inflação em desaceleração, porém com juros reais ainda muito elevados; atividade econômica perdendo força; empresas mais pressionadas financeiramente; e ambiente fiscal e externo ainda carregado de riscos.
- O principal desafio dos próximos meses será transformar a melhora da inflação em queda sustentável dos juros, sem deterioração excessiva da atividade econômica e da situação financeira das empresas.

RESENHA ECONÔMICA

Realização:



Curadoria:

Ailton Leite e Roberto Vertamatti

Vice-Presidência do Núcleo Economia da ADVB

Lívio Giosa

Presidente da ADVB

*Esta publicação possui finalidade exclusivamente educacional e informativa.
As notícias, imagens, gráficos e demais conteúdos de terceiros são utilizados como referência
para análise e debate econômicos, mantendo-se os respectivos direitos autorais de seus titulares.*